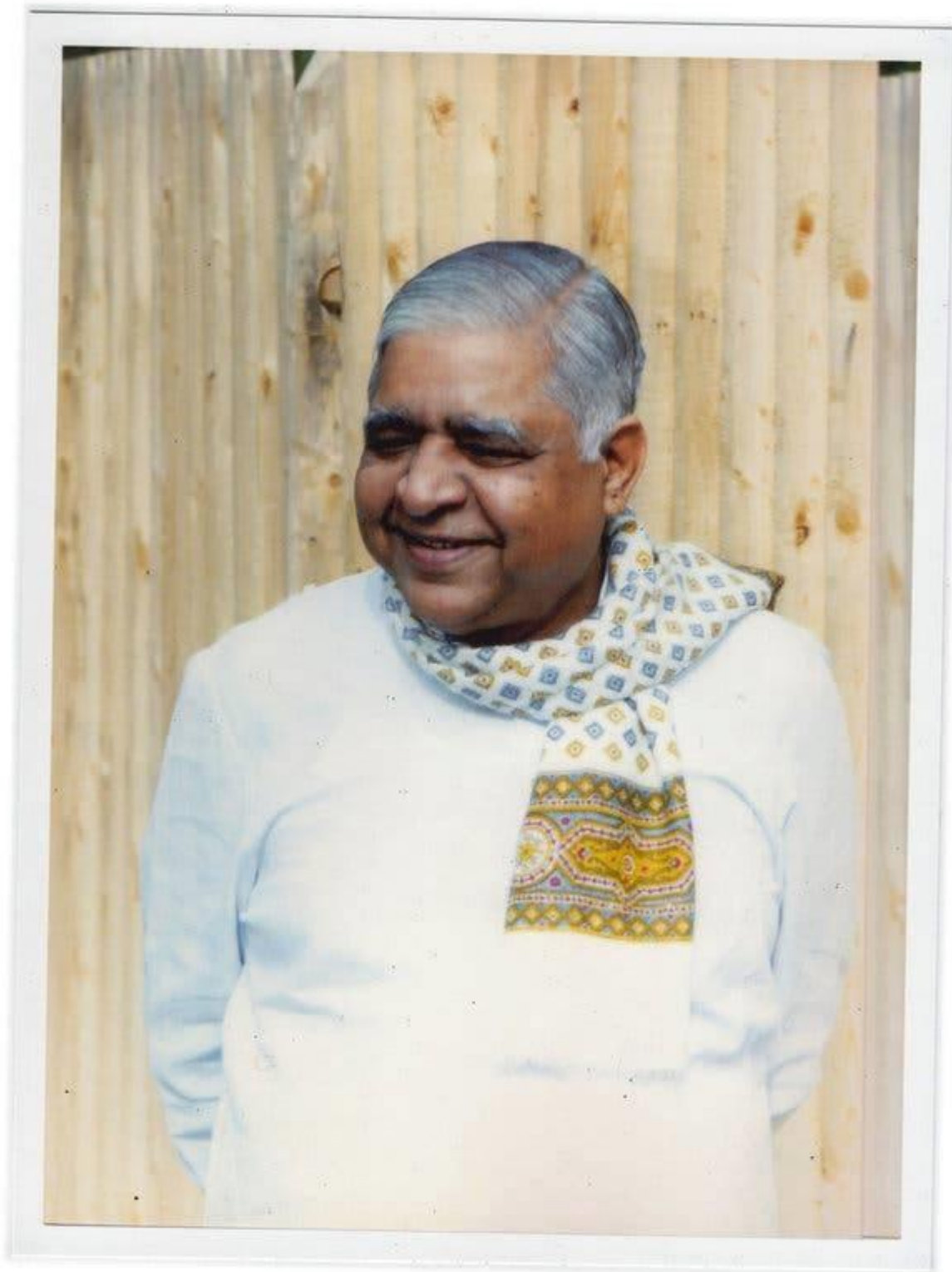


Minhas experiências com Goenkaji



Em comemoração aos 50 anos do primeiro curso de 10 dias de Vipassana na Índia, em 1969

Meu nome é Rampratap Yadav. Eu era assistente pessoal do reverenciado Goenkaji. Moro em Dhammagiri e trabalho em um pequeno escritório nos aposentos

residenciais de Goenkaji. Ainda trabalho aqui da mesma maneira que trabalhava antes. Hoje é dia de metta, e olhando pra fora vejo o primeiro centro de Vipassana construído na história! Como são maravilhosos os grandes salões de Dhamma, a bela vegetação, a folhagem colorida em torno da residência de Goenkaji, e ao fundo surge o lindo pagode dourado. Neste momento os rostos brilhantes e sorridentes dos alunos me encantam, me enchem de alegria. Há também residências com todas as facilidades modernas para alunos e professores. Refeições saudáveis e saborosas são servidas nos refeitórios para quase mil pessoas todos os dias, e sempre na hora certa. É temporada de monções e há muitas cascatas em colinas próximas, que tornam a cena tão cativante. Ver tudo isso me traz lembranças daqueles primeiros dias com Goenkaji. A memória da sua jornada única surge na mente como um filme. Ele completou sua jornada com fé, devoção e esforço incomparáveis, apesar de tantos desafios ao longo do caminho.

Eu me considero felizado em ter conseguido a incrível oportunidade de servir Goenkaji logo após a sua chegada à Índia em junho de 1969. No dia seguinte a sua chegada em Mumbai, ele veio aos escritórios do quinto andar de seu irmão mais novo Shyamsunder, na estrada Kalbadevi, e fui convocado para cuidar da correspondência em hindi. Ele havia trazido consigo uma lista de uns duzentos nomes e endereços. Essas pessoas deveriam ser informadas que seu professor de Vipassana, o venerado Sayagi U Ba Khin, tinha lhe nomeado para ensinar Vipassana e que um retiro de 10 dias aconteceria em Mumbai. Todo aqueles que desejasse participar do curso, ou quisessem organizar um retiro na sua região, deveria responder imediatamente. A troca de cartas começou. Além de Mumbai, muitos locais começaram a solicitar cursos, incluindo Chennai (na época Madras), Saranate, Calcutá, Déli, Tadepalligudam (Andhra Pradesh), Madhoganj e Ajmer (Rajastão), entre muitos outros. O primeiro curso de 10 dias foi organizado em um dharamshala (uma pousada pública) chamada Panchayat Wadi, de 3 a 13 de julho. A sala de meditação era grande e o número de alunos era de apenas quatorze. No entanto, não havia acomodações adequadas para hospedar Goenkaji. O dormitório feminino ficava numa área acima do salão principal e embora houvesse um quarto disponível acima deste, Goenkaji teria que subir e descer um lance de escadas que passava por essa área. Goenkaji providenciou um dormitório para o curso com uma divisão de tecido em uma das extremidades da longa sala de meditação. O assento de Dhamma foi montado do lado oposto da cortina, enquanto ele compartilhava a entrada comum da sala. Nesse curso, até os poucos banheiros eram compartilhados. As pessoas usavam os banheiros uma de cada vez aguardando numa fila. Quando Goenkaji precisava usá-los ele perguntava se um dos banheiros estava disponível.

Para todos os efeitos, o curso estava andando bem. No entanto, no quinto dia eu e alguns outros alunos ficamos doentes de repente. Goenkaji imaginou o que poderia ter dado errado. A princípio ele pensou que a comida poderia ser a causa. Um médico foi convocado para nos examinar e medicar. Senti-me um pouco melhor no dia seguinte após tomar a medicação para febre. Mais tarde, após uma avaliação mais profunda, Goenkaji se aproximou de mim no meu escritório e perguntou se eu estava praticando alguma outra forma de meditação. Confirmei que realmente estava praticando uma técnica diferente (Ananda Marga) por meia hora duas vezes ao dia. “Ah,” ele disse “não me espanta você tenha ficado doente com os outros alunos.” Ele explicou ainda: “Essa é uma técnica baseada no Beej Mantra (repetição de uma palavra com vibração forte), mas eu ensino um caminho diferente, com base nas leis

da natureza, e as duas não podem coexistir sob o mesmo teto. Se você não parar de praticar o mantra terá que ir embora.” Eu disse a ele que de agora em diante praticaria apenas em casa, mas que não poderia deixar de fazê-lo. Com muita compaixão, ele começou a explicar as diferenças entre as duas técnicas. E me garantiu que se eu deixasse de praticar o mantra e praticasse apenas Vipassana, não me causaria mal algum. “No futuro muitos cursos serão organizados, então é melhor construir uma base sólida desde já.”

Bastante confuso, eu concordei. Ele me levou ao centro da sala e me ensinou Anapana. O curso já estava na metade, então não havia muito mais o que pudesse ser feito. Fui instruído a trabalhar apenas com a respiração. Fiz como me foi dito e o curso terminou em paz – todas as perturbações acabaram. O próximo curso estava programado de 24 de agosto a 3 de setembro [1969] em Chennai. Quinze dias antes de começar, viajamos juntos para lá e nos hospedamos com seu irmão mais velho, Sr. Bala Krishna. Um dia, de repente, durante minha prática, senti uma formiga andando sobre o meu nariz. Passei a mão para espantá-la, mas ela parecia que retornava assim que eu fechava os olhos. Fiquei perplexo com essa nova dificuldade. Depois de tomar o ditado de Goenkaji, perguntei-lhe sobre isso, ele apenas me aconselhou a não prestar atenção a isso. “Foque apenas na respiração,” ele disse. “Vou lhe explicar melhor no seu retiro de 10 dias.”

Quando o curso do dia 24 de agosto começou, eu me matriculei como aluno. Porém, ainda continuava com obrigações relacionadas à troca de correspondências/cartas. Tomava o ditado quando era necessário e varava a noite datilografando, sempre meditando também segundo o horário do curso. Minha prática de Anapana por um período mais longo valeu a pena, e quando Vipassana foi ensinado tive sensações por toda parte. Contudo, minha prática anterior de uma técnica diferente trouxe grandes desafios, e lutei contra o fato de ter abandonado minha técnica anterior. Goenkaji escreveu uma carta detalhada sobre isso para seu irmão mais velho em Rangun, Sr. Babulal, pedindo-lhe para encaminhar esse assunto para Sayagi U Ba Khin. A poderosa metta de Sayagi me ajudou a enfrentar essas tempestades e elas diminuíram. Sinto-me imensamente afortunado por essa ajuda.

Naqueles dias, os cursos realizados em Dharamshala eram repletos de desafios únicos e às vezes difíceis. Goenkaji teve que suportar uma série de adversidades durante esses cursos, mas eu nunca vi uma sombra sequer de desagrado em seu semblante. Ele dizia: “Como viemos preparados para dificuldades, e realmente não há nada a reclamar, afinal todos os alunos estão enfrentando dificuldades semelhantes”. Um desses cursos foi realizado numa pequena aldeia, Sadra, perto de Ahmedabad, no Gujarat. Nesse curso ímpar, os alunos tinham se voluntariado para gerenciar o andamento do curso. Isso incluía a montagem de uma fogueira ao ar livre para cozinhar as refeições. Após o início do curso, todos os alunos (homens e mulheres) trabalhavam juntos para preparar o almoço e fazerem a limpeza após a refeição. Goenkaji tinha me informado de antemão que os participantes do curso eram muito pobres, e por isso, eu não deveria pedir nada a eles. Eu deveria aceitar o que fosse oferecido e jamais questionar. Quando fui pegar seu almoço no primeiro dia, trouxe de volta um vegetal cozido, sopa de lentilha, um pão seco meio queimado, meia cebola para salada e leite. Antes de comer, Goenkaji me perguntou novamente, “Você não pediu nada, pediu?”. Eu garanti que não havia pedido. Mais tarde, os alunos se aproximaram e lamentaram: “Goenkaji, sentimos muito. Sabemos

que a nossa comida não é boa, mas é tudo o que temos. Esse lugar é distante da cidade, por favor, nos perdoe.” Goenkaji riu: “Ah, mas a comida estava deliciosa! Tinha a *metta* de vocês nela. Vocês devem todos focar na sua prática, não se preocupem comigo, pois estou muito confortável aqui.” Hoje, alguns alunos daquele curso são instrutores de Vipassana, e servem a muitos outros em Dhamma. Na mesma época, um curso foi organizado em Pushkar, uma cidade próxima a Ajmer no Rajastão. A pessoa que organizou o curso havia enviado convites de participação para um curso de 10 dias usando linguagem exuberante e persuasiva. Até mesmo Goenkaji ficou impressionado com o belo convite e concordou em conduzir o curso. O organizador queria montar um retiro em Ajmer, mas não conseguiu reservar um lugar. Havia muitos *dharamsalas* lá, mas seus administradores não as alugariam temendo ser uma tradição budista. Sem obter sucesso em Ajmer, ele finalmente se decidiu por Pushkar, uma cidade de peregrinação vizinha. Ainda não era temporada do festival, então o *dharamsala* local estava desocupado e ele o reservou. No entanto, como foi tudo confirmado em cima da hora, ninguém de Ajmer ou redondezas se inscreveu no curso.

Naqueles dias Goenkaji viajava de trem no vagão comum com beliches triplos, ou o que chamamos hoje de “classe com leitos”. Nós viajávamos juntos. Durante nossa viagem para Ajmer, um Saadhu (um asceta) sentou-se à nossa frente. Ele não tinha destino específico então estava preparado para sair do trem como e quando quisesse. Ao discutirmos técnicas de meditação ele manifestou interesse em participar de um curso. Goenkaji disse-o que haveria um curso começando no dia seguinte e que ele podia nos acompanhar até Pushkar. O organizador do curso nos saudou quando chegamos à estação, e juntos fomos para Pushkar. A pousada pública chamava-se ‘*Yadav Dharamshala*’ e não possuía banheiro ou chuveiro. Do lado de fora do prédio havia um canal seco. O organizador nos mostrou um banheiro anexo que tinha sido erguido, feito de palha e argila na cumeeira de concreto desse canal. Tinha apenas um metro e meio de altura, o suficiente para garantir privacidade. Também nos mostrou um pequeno canto do pátio que tinha sido cercado para servir de área de banho. Como ninguém ocupava os andares de cima, isso bastaria para garantir privacidade. O vigia tirava água de um poço próximo para o que precisássemos. Ele também era nosso cozinheiro e nosso faxineiro. Para não lhe causar mais problemas, Goenkaji decidiu se banhar no pedestal junto ao poço, evitando assim que o vigia tivesse que atravessar o pátio carregando água.

Neste ponto ficou claro que somente duas pessoas participariam do curso, o Saadhu que encontramos no trem e o organizador do curso. Mas Goenkaji não ficou desanimado e sugeriu que nós dois participássemos do curso junto com eles. Então o curso dobrou o número de participantes de dois para quatro. O serviço de correios era lento e não havia serviço telefônico naquela pequena aldeia, o que resultou em um curso muito calmo e tranquilo. Goenkaji meditava conosco, mas também dava palestras da mesma maneira que fazia em outros retiros de dez dias. O organizador do curso, que nunca havia participado de um curso de Vipassana de dez dias antes, informou a Goenkaji que poderia ficar apenas sete dias, pois tinha que participar de uma reunião importante no Sri Lanka. Então, após o sétimo dia, éramos apenas os três no curso. O vigia continuava nos servindo a comida – que era exatamente o que havia preparado para ele mesmo naquele dia. Nosso curso terminou bem. O Saadhu ficou cheio de gratidão. Ele sentiu que os últimos doze anos de sua vida austera no Himalaya haviam sido inúteis, e que somente agora ele poderia realmente se dizer um asceta. Mataji chegou de Myanmar um ano depois. Inicialmente ela ficou com a família e os filhos por algum tempo, e depois ela também começou a ajudar Goenkaji

com seu trabalho no Dhamma. Ela se desvencilhou do seu apego à família e aos filhos, e devotou todo seu tempo ao serviço do Dhamma.

As crianças cresceram, terminaram os estudos e passaram a se sustentar. Quando Goenkaji voltava dos cursos, compartilhava com eles sua experiência e entendimento da sua vida pregressa como homem de negócios. Também dividia com eles suas experiências servindo o Dhamma. Ele sempre enfatizava os benefícios e a importância de servir ao caminho de Dhamma. Assim ele viveu até o final de seus dias. Com a mesma devoção imensurável, esforço infinito e sinceridade inabalável para com seu professor e pai no Dhamma, Sayagyi U Ba Khin e o caminho de Dhamma que ele ensinou. Ele cumpriu a promessa que fez ao seu pai no Dhamma de manter a pureza de Dhamma até seu último suspiro. Senti-me obrigado a compartilhar as lembranças de alguns incidentes da sua vida. Porém não importa quanto eu escreva, quantas histórias eu conte, é quase impossível fazer justiça a essas lembranças. Elas agora são uma querida companhia para o resto da minha vida, e uma fonte de inspiração contínua pelo meu caminho de Dhamma.

Autor: Rampratap Yadav

Trecho do artigo publicado originalmente em:
Boletim Vipassana VRI Vol.24 #9 de 09/09/2014